26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

CONFINAMENTO E AUTOCONFINAMENTO INFORMACIONAL: POLARIZAÇÃO, ALGORITMOS E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO[1]

INFORMATION CONFINEMENT AND SELF-CONFINEMENT: *POLARIZATION, ALGORITHMS AND INFORMATION LITERACY*

Andréa Pereira dos Santos – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Josué Pereira da Silva Santos – Universidade Federal de Goiás (UFG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Discutem-se os conceitos de confinamento e autoconfinamento informacional no contexto das redes sociais digitais, considerando as relações entre algoritmos, desinformação, polarização e limitação das experiências informacionais dos sujeitos. Objetiva-se analisar a maneira com que tais processos limitam a autonomia crítica dos sujeitos e a contribuição da Competência em Informação (CoInfo) para o enfrentamento desse fenômeno à luz da perspectiva freireana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-conceitual, desenvolvida por meio de revisão crítico-interpretativa da literatura científica e levantamento exploratório em bases de dados nacionais e internacionais. O levantamento evidenciou que os termos ainda não se encontram consolidados na literatura científica e identificou aproximações conceituais relacionadas às mediações algorítmicas e às restrições da diversidade informacional. Os resultados indicam que os conceitos de bolha informacional e câmara de eco contribuem para compreender parte das dinâmicas informacionais contemporâneas, mas não explicam integralmente os aspectos subjetivos, afetivos e interpretativos envolvidos na relação dos sujeitos com a informação. Conclui-se que a CoInfo pode favorecer práticas mais críticas e reflexivas diante da desinformação, da polarização e das mediações tecnológicas contemporâneas.

Palavras-chave: competência em informação; confinamento informacional; autoconfinamento informacional; mediação algorítmica.

Abstract: This study discusses the concepts of informational confinement and informational self-confinement in the context of digital social networks, considering the relationships among algorithms, disinformation, polarization, and the limitation of individuals' informational experiences. It aims to analyze how these processes constrain individuals' critical autonomy and how Information Literacy (IL) can contribute to addressing this phenomenon from a Freirean perspective. This is a qualitative, theoretical-conceptual study developed through a critical-interpretive review of the scientific literature and an exploratory search of national

[1] Financiamento FAPEG Edital 24/2025 Humanidades.

and international databases. The literature review showed that these terms have not yet been consolidated in the scientific literature and identified conceptual similarities related to algorithmic mediation and constraints on informational diversity.The exploratory search showed that these terms are not yet consolidated in the scientific literature and identified conceptual approximations related to algorithmic mediation and restrictions on informational diversity. The results indicate that the concepts of filter bubble and echo chamber contribute to understanding some aspects of contemporary informational dynamics but do not fully account for the subjective, affective, and interpretive dimensions involved in individuals' relationship with information. It is concluded that Information Literacy can foster more critical and reflective practices in response to disinformation, polarization, and contemporary technological mediation.

Keywords: Information literacy; informational confinement; informational self-confinement; algorithmic mediation.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada pela intensificação dos fluxos informacionais e pela centralidade das tecnologias digitais na mediação do conhecimento. No entanto, o aumento do acesso à informação não tem garantido, necessariamente, maior autonomia crítica dos sujeitos. Em muitos casos, a circulação dos conteúdos nas redes sociais digitais é condicionada por sistemas algorítmicos que selecionam, hierarquizam e tornam visíveis certas informações em detrimento de outras.

Consideramos aqui que o confinamento informacional caracteriza-se pelas mediações algorítmicas nas quais o universo informacional do sujeito passa a ser condicionado involuntariamente. Já o autoconfinamento informacional se refere à limitação voluntária do repertório informacional dos sujeitos, que tendem a se isolar em ambientes digitais e conteúdos informacionais alinhados às suas crenças, opiniões, hábitos de consumo e posicionamentos ideológicos.

Assim, a problemática deste estudo parte da seguinte **questão**: como o confinamento e o autoconfinamento informacional limitam a autonomia crítica dos sujeitos e como a Competência em Informação (CoInfo), à luz da perspectiva freireana, pode contribuir para o enfrentamento desse fenômeno?

Portanto, este artigo tem como objetivo discutir o confinamento e o autoconfinamento informacional à luz da perspectiva de libertação proposta por Paulo Freire e das contribuições da CoInfo. Argumenta-se que a superação desse fenômeno informacional não depende apenas do domínio técnico das tecnologias digitais, mas da formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente os fluxos informacionais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza teórico-conceitual, desenvolvida a partir de revisão crítico-interpretativa da literatura científica e levantamento exploratório em bases de dados nacionais e internacionais. A escolha por esse delineamento justifica-se pela complexidade do fenômeno investigado: o confinamento e o autoconfinamento informacional, que envolvem dimensões cognitivas, sociais, tecnológicas, comunicacionais e políticas, demandando uma análise aprofundada e interdisciplinar.

O percurso metodológico foi organizado em duas etapas complementares. A primeira consistiu em uma revisão crítico-interpretativa destinada à construção da fundamentação teórica, abrangendo estudos sobre CoInfo, pedagogia crítica, mediação algorítmica, plataformas digitais, bolhas informacionais, câmaras de eco, desinformação e polarização. A segunda compreendeu um levantamento bibliográfico exploratório, com a finalidade específica de verificar a ocorrência e os sentidos atribuídos às expressões “confinamento informacional” e “autoconfinamento informacional” na literatura científica.

Do ponto de vista dos objetivos, de acordo com Gil (2017), a pesquisa possui caráter exploratório e descritivo. Exploratório, por buscar investigar e sistematizar conceitualmente os termos confinamento e autoconfinamento informacional, ainda incipientes na literatura da área[2]; e descritiva, por analisar suas manifestações no contexto das redes sociais digitais, da desinformação e da polarização política.

2.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A investigação foi desenvolvida a partir de levantamento, seleção e análise de literatura científica nacional e internacional, com ênfase em três eixos teóricos principais:

a) Perspectiva freiriana — com base nas obras de Paulo Freire, especialmente aquelas que tratam da conscientização, da ação cultural para a libertação e da formação crítica do sujeito;

[2] O termo emerge das leituras realizadas no campo da Ciência da Informação como uma tentativa de nomear o fenômeno de “estar inserido” em bolhas informacionais, especialmente aquelas intensificadas pelas redes sociais. Consideramos pertinente sua adoção, pois evidencia uma experiência concreta: mesmo quando há o desejo de sair dessas bolhas, esse movimento nem sempre se revela simples ou facilmente realizável

b) CoInfo na Ciência da Informação — contemplando suas dimensões crítica, social e contextual, com base em Vitorino e Piantola (2020), ACRL (2016), Tewell (2015) e Kuhlthau (2004);

c) Ecossistemas digitais e desinformação — incluindo estudos sobre bolhas informacionais, algoritmos e polarização, como Pariser (2012), Cunha (2025) entre outros.

Além da revisão e análise teórica, realizou-se o levantamento exploratório com o objetivo de verificar a incidência e possíveis usos conceituais dos termos confinamento informacional e autoconfinamento informacional na literatura científica. As buscas bibliográficas foram realizadas em maio de 2026, nas bases de dados: Google Acadêmico, BRAPCI, Portal de Periódicos da CAPES, Scopus e SciELO com a utilização de descritores em português e inglês, aspas para busca exata e operadores específicos de refinamento, quando necessário. Os termos empregados foram: “Confinamento Informacional”, “Information Confinement”, “Autoconfinamento Informacional” e “Informational Self-Confinement”.

Inicialmente, realizou-se busca ampla pelo termo “Information Confinement” no Google Acadêmico, com recuperação de 231 registros. Diante da heterogeneidade dos resultados, a busca foi refinada pelo operador *intitle*, restringindo a recuperação aos estudos que apresentavam o termo no título. Os resultados das estratégias adotadas estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Levantamento exploratório dos termos nas bases de dados

Base de Dados	Estratégia de Busca	Total	Observação
Google Acadêmico	“Confinamento Informacional”	11	Sem equivalência conceitual com o fenômeno investigado
	“Information Confinement”	231	Busca ampla; resultados heterogêneos
	intitle:“Information Confinement”	6	Aproximação parcial; uso predominantemente técnico
	“Autoconfinamento Informacional” OR “Informational Self-Confinement”	0	Nenhum resultado
BRAPCI	“Confinamento Informacional” OR “Information Confinement” OR “Autoconfinamento Informacional” OR “Informational Self-Confinement”	1	Aproximação semântica; contexto prisional

Portal CAPES	"Confinamento Informacional"	2	Sem equivalência conceitual; contexto pandêmico
	"Autoconfinamento Informacional" OR "Informational Self-Confinement"	0	Nenhum resultado
Scopus	"Confinamento Informacional" OR "Information Confinement" OR "Autoconfinamento Informacional" OR "Informational Self-Confinement"	5	Aproximação parcial; uso predominantemente técnico
SciELO	"Confinamento Informacional" OR "Information Confinement" OR "Informational Self-Confinement"	0	Nenhum resultado

Fonte: elaboração própria (2026).

Foram considerados, prioritariamente, estudos que apresentavam aproximação conceitual com as discussões sobre mediação algorítmica, bolhas informacionais, polarização, desinformação e comportamento informacional em ambientes digitais. Foram desconsiderados os registros sem aproximação conceitual com o fenômeno investigado. Trabalhos cujo uso de *information confinement* se restringia a contextos técnicos ou computacionais foram mantidos apenas para fins de comparação e delimitação conceitual. Por se tratar de levantamento exploratório, e não de revisão sistemática, os quantitativos apresentados no Quadro 1 correspondem aos registros recuperados pelas estratégias de busca e à sua classificação quanto à aproximação conceitual com o objeto investigado.

3 CONFINAMENTO E AUTOCONFINAMENTO: REVISÃO

Os resultados recuperados evidenciam que os termos *confinamento informacional* e *autoconfinamento informacional* ainda não aparecem consolidados como categorias conceituais no campo da CoInfo e nos estudos sobre comportamento informacional em redes sociais digitais. Entretanto, o percurso metodológico realizado nas bases de dados permitiu identificar aproximações com a proposta desenvolvida nesta pesquisa, especialmente nas discussões relacionadas à mediação algorítmica, bolhas de filtro, restrição da diversidade informacional e participação ativa dos sujeitos nos processos de consumo de informação.

Nas buscas realizadas na Scopus, Feng et al. (2026) apresentaram a aproximação conceitual mais direta com a perspectiva aqui proposta ao discutirem como os sistemas de recomendação moldam a exposição dos usuários, reforçam preferências e contribuem para a formação de bolhas de filtro. O estudo aproxima-se da noção de *confinamento informacional*

ao compreender que as plataformas digitais produzem restrições estruturais sobre aquilo que os sujeitos visualizam e interpretam. Ao mesmo tempo, aproxima-se da ideia de *autoconfinamento informacional* ao reconhecer que os próprios usuários participam ativamente desse processo quando passam a confiar excessivamente nos conteúdos selecionados pelos algoritmos.

Ainda na Scopus, os estudos de Di Pietro e Molva (2007; 2011), Canetti e Vald (2012) e Pappas et al. (2013) utilizam o termo *information confinement* em um sentido estritamente técnico, relacionado à segurança computacional, controle de fluxo de dados e proteção de sistemas digitais. Embora exista aproximação semântica pela ideia de contenção e restrição da informação, tais pesquisas distanciam-se da proposta deste artigo por compreenderem o confinamento como solução tecnológica de segurança, e não como fenômeno sociocomunicacional ligado à desinformação, polarização e comportamento informacional.

No Google Acadêmico, Barbosa (2025) foi o trabalho que apresentou maior afinidade teórica com os conceitos aqui desenvolvidos. O autor demonstra que os algoritmos reorganizam o fluxo informacional e reforçam crenças e padrões de engajamento dos sujeitos, articulando simultaneamente dimensões técnicas e cognitivas da manipulação algorítmica. De forma semelhante, Credi-Dio e Henriques (2025) aproximam-se da proposta ao discutirem como as plataformas digitais operam “máquinas de visibilidade” e circuitos de repetição que limitam a diversidade de narrativas e experiências informacionais. Já Maranhão e Garrossini (2010), embora utilizem explicitamente a expressão *confinamento informacional*, fazem-no no contexto das mediações técnicas, sem relação direta com redes sociais digitais, polarização ou desinformação.

Dessa forma, o caminho metodológico percorrido evidencia que os estudos recuperados apresentam aproximações parciais com os conceitos propostos nesta pesquisa. Contudo, não foram identificados trabalhos que sistematizassem os conceitos de *confinamento informacional* e *autoconfinamento informacional* como categorias analíticas voltadas especificamente à compreensão integrada das relações entre algoritmos, práticas subjetivas, comportamento informacional, desinformação e polarização em redes sociais digitais, sobretudo como objeto de análise do campo da Ciência da Informação.

4 CONFINAMENTO E AUTOCONFINAMENTO INFORMACIONAL: CONSCIÊNCIA CRÍTICA E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Freire oferece base teórica para pensar os processos de opressão e libertação no campo social e educacional. Embora elaboradas em outro contexto histórico, essas reflexões possibilitam aproximações com o campo da Ciência da Informação a fim de refletir acerca do controle exercido pelos ambientes digitais. Tais ambientes digitais contemporâneos não apenas distribuem informações, mas também influenciam modos de percepção, interação e construção da consciência social. Para o autor, a libertação não ocorre de forma passiva ou por mera concessão tecnológica, mas exige uma ação consciente, crítica e dialógica, pois: “A libertação é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo” (Freire, 1987, p. 35).

Cabe ressaltar que a aproximação de sua obra com os ambientes digitais contemporâneos não pressupõe equivalência histórica entre o contexto analisado pelo autor e o atual capitalismo de plataforma. Trata-se de uma apropriação crítico-interpretativa de categorias como conscientização, diálogo, autonomia e leitura do mundo, mobilizadas para examinar relações informacionais atravessadas pela coleta de dados, pela personalização automatizada, pela opacidade dos sistemas de recomendação e por modelos econômicos orientados à captura da atenção e à maximização do engajamento.

O confinamento informacional ocorre quando o indivíduo é reduzido a um sujeito passivo, cujos horizontes são limitados por algoritmos e sistemas de mediação digital, transformando o acesso à informação em um mecanismo de:

> [...] confinamento virtual, no qual o algoritmo aprisiona os indivíduos em bolhas narcísicas, entre seus iguais. Necessário salientar que não foi a Sociedade da Informação quem criou a tendência gregária entre os humanos de procurarem seus similares [...] O que diferencia o momento atual é que esse confinamento virtual é conduzido pelo algoritmo (Pellizzari; Barreto Junior, 2019, p. 58).

Tal confinamento virtual decorre da mediação algorítmica que estrutura as bolhas, tornando os “sujeitos estáticos”. Contudo, o conceito de confinamento informacional proposto neste estudo ultrapassa o simples direcionamento do algoritmo em bolhas virtuais. Trata-se de uma condição de isolamento informacional em que os sujeitos passam a circular, predominantemente, por camadas de informação alinhadas às suas preferências ideológicas, crenças e hábitos de consumo.

Em uma aproximação analítica, resguardadas as diferenças entre o contexto educacional discutido por Freire e as atuais infraestruturas digitais, determinados processos de recomendação podem reproduzir uma lógica próxima daquela criticada pelo autor como educação bancária. Isso ocorre quando os sujeitos são tratados predominantemente como receptores de conteúdos previamente selecionados, sem transparência suficiente sobre os critérios de escolha e sem estímulo ao diálogo, à problematização ou ao contato com perspectivas divergentes (Freire, 1981).

O autoconfinamento, por sua vez, envolve uma dimensão subjetiva. O sujeito não é apenas conduzido pelos algoritmos, mas ele também participa da limitação de seu próprio repertório informacional, ao buscar conteúdos que confirmam suas crenças e ao evitar informações que provocam desconforto ou deslocamento interpretativo.

Sob a perspectiva freireana, esse processo se aproxima daquilo que Freire (1981) denomina como “transitividade ingênua” marcada pela fragilidade da problematização crítica e pela tendência ao gregarismo. Inserido em ambientes informacionais homogêneos, o sujeito tende a fortalecer interpretações previamente estabelecidas, reduzindo sua abertura ao contraditório e à complexidade dos fenômenos sociais.

Sob uma leitura interpretativa da perspectiva freireana, esse processo pode ser aproximado da noção de “consciência hospedeira” (Freire, 1987, p. 18), na medida em que os sujeitos incorporam, muitas vezes sem perceber, lógicas de padronização, controle e vigilância presentes nos ambientes digitais.

A fragilidade argumentativa e o gregarismo digital mantêm o indivíduo em um estado de transitividade ingênua, preferindo explicações simplistas à investigação da razão de ser dos fatos (Freire, 1967). A conscientização, nessa perspectiva, é central para a libertação. Freire (1987, p. 47) afirma: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Assim, pensar a libertação informacional implica reconhecer que os algoritmos não são instrumentos neutros. Embora os algoritmos dependam de estruturas humanas, econômicas e técnicas, eles influenciam os fluxos informacionais e podem conduzir os sujeitos a experiências informacionais cada vez mais homogêneas. Por isso, a CoInfo precisa ser compreendida como prática crítica e emancipatória, capaz de articular reflexão e ação diante das mediações tecnológicas contemporâneas.

Em meio à intensa circulação de conteúdos nas redes sociais digitais, essas competências ganham ainda mais importância, sobretudo diante da desinformação e das disputas que atravessam esses ambientes informacionais contemporâneos.

De acordo com Vitorino e Piantola (2020), a competência em informação envolve a capacidade de reconhecer a necessidade de informação, localizá-la, avaliá-la e utilizá-la de forma ética e crítica. De forma complementar, a *Association of College And Research Libraries (*ACRL*,* 2000) destaca que: a competência em informação está diretamente relacionada à formação de sujeitos autônomos e capazes de aprender ao longo da vida. Tal fato se aproxima da perspectiva freireana ao considerar que a aprendizagem não ocorre de forma neutra.

E para Freire (1996), o ser humano encontra-se em permanente processo de construção, aprendizagem e transformação da realidade. Portanto, a relação com a informação também envolve experiências sociais, autonomia informacional, formas de leitura do mundo e processos de interpretação que influenciam a maneira com que os sujeitos compreendem a realidade.

A Competência em Informação não se restringe ao domínio instrumental de técnicas de busca, localização e uso de fontes. O *Framework for Information Literacy for Higher Education*, da ACRL, desloca a ênfase de uma lista linear de habilidades para uma compreensão contextual das práticas informacionais. Entre seus princípios, reconhece-se que a autoridade é construída e contextual, que a informação é produzida em processos sociais e que a pesquisa envolve investigação, diálogo e revisão de interpretações (ACRL, 2016). Essa abordagem permite compreender que avaliar criticamente a informação também exige examinar quem produz os conteúdos, quais interesses orientam sua circulação e quais vozes são legitimadas, marginalizadas ou invisibilizadas.

Na perspectiva crítica, a CoInfo envolve o reconhecimento das relações de poder presentes na produção, organização, disponibilização e apropriação da informação. Tewell (2015) demonstra que a competência crítica em informação articula a formação informacional aos fundamentos da pedagogia crítica, ultrapassando práticas estritamente funcionais para problematizar desigualdades, ideologias e estruturas de autoridade. Essa concepção aproxima-se da perspectiva freireana por compreender os sujeitos não apenas como consumidores de conteúdos, mas como participantes capazes de questionar as condições sociais e políticas de produção da realidade informacional.

Kuhlthau (2004) contribui para essa discussão quando enfatiza o papel do processo de busca da informação como experiência não apenas cognitiva, mas também emocional. Sentimentos como insegurança, ansiedade e frustração fazem parte da experiência informacional e interferem na relação do sujeito com a informação, ou seja, no contexto digital contemporâneo, o contato com opiniões divergentes pode gerar desconforto e instabilidade emocional.

Em muitos casos, esse desconforto emocional favorece a busca por ambientes informacionais mais homogêneos, nos quais crenças, percepções e posicionamentos ideológicos já consolidados são constantemente reafirmados. Para Taha e Garcia (2024, p. 625), "Os softwares das mídias digitais empregam um método de controle [...] explorando a tendência humana de ser complacente com informações que confirmam suas crenças prévias". Portanto, o autoconfinamento informacional não depende apenas das mediações algorítmicas, mas também da tendência de evitar que conteúdos provoquem tensão, dúvida ou confronto de perspectivas.

As redes sociais digitais configuram-se como ambientes de circulação informacional, porém estruturados por algoritmos que selecionam e priorizam conteúdos conforme padrões de comportamento, interesses e potencial de engajamento, alinhados às preferências dos usuários. Segundo Pariser (2012), esse processo contribui para a formação da “bolha dos filtros”, na qual os indivíduos passam a ter acesso a uma realidade informacional personalizada, limitada e/ou autolimitada, marcada pela recorrência de conteúdos alinhados às preferências dos usuários.

Embora o confinamento e o autoconfinamento informacional dialoguem com a noção de câmara de eco (*echo chamber*), estes não podem ser compreendidos como equivalentes. Ferreira e Rios (2017) explicam que as câmaras de eco se estruturam pela repetição de informações semelhantes em redes fechadas, nas quais determinados conteúdos retornam continuamente ao sujeito por diferentes caminhos, fortalecendo processos de validação e confirmação. Nesses ambientes, a recorrência dos discursos tende a produzir a sensação de consenso e reforçar a percepção de que determinadas interpretações representam a própria realidade social.

Nesse sentido, os conceitos de confinamento e autoconfinamento informacional buscam ampliar essa discussão, incorporando não apenas os mecanismos de filtragem ou

repetição de conteúdos, mas também os efeitos desse processo na interpretação da realidade e as relações subjetivas e afetivas dos sujeitos com a informação.

Nas redes sociais digitais, a polarização ultrapassa divergências políticas ou ideológicas, ela interfere diretamente nas formas como os sujeitos interpretam a realidade, constroem vínculos e reconhecem a legitimidade do outro no espaço público.

Contudo, na lógica das plataformas digitais que privilegia aquilo que gera impacto, engajamento, indignação, ou identificação imediata, a informação circula muitas vezes fragmentada em recortes, manchetes, vídeos curtos e publicações descontextualizadas que favorecem reações rápidas e carecem de reflexão.

Em ambientes digitais, essa perspectiva pode ser ampliada pela competência algorítmica, compreendida como a capacidade de reconhecer a presença dos algoritmos, compreender de forma básica seu funcionamento, avaliar criticamente seus efeitos e adotar estratégias para lidar com sistemas automatizados. Ridley e Pawlick-Potts (2021) defendem a atuação das bibliotecas nesse campo, enquanto Cox (2024) aproxima a competência algorítmica das discussões sobre competência em informação e inteligência artificial. Desse modo, o enfrentamento do confinamento informacional demanda não apenas a avaliação do conteúdo acessado, mas também a compreensão das infraestruturas que selecionam, ordenam e tornam esse conteúdo visível.

Em cenários de polarização política, essa dinâmica contribui para o fortalecimento de relações marcadas pela desconfiança e pela dificuldade de reconhecimento da legitimidade do outro. Conforme Cunha (2025, p. 8) nessa realidade de polarização política:

> O diferente, então, deixa de ser apenas alguém com outra opinião: passa a representar uma ameaça à identidade emocional do sujeito, que reage não com argumentos, mas com ressentimento, repulsa e desqualificação moral (Cunha, 2025, p. 8).

Essa polarização afetiva intensifica os sentimentos de rejeição e tende a enfraquecer o diálogo e ampliar o distanciamento entre grupos sociais. Quando as diferenças passam a ser interpretadas a partir de lógicas de oposição entre grupos, a escuta e o reconhecimento do outro tornam-se mais limitados, favorecendo relações marcadas por tensões, rejeições e dificuldades de comunicação e interação no espaço público.

A desinformação, especialmente na forma de *fake news*, encontra condições favoráveis de circulação nesses ambientes informacionais. Sua compreensão não se limita à identificação da falsidade de determinado conteúdo, pois envolve também as condições de

sua produção, circulação e apropriação pelos sujeitos. Fallis (2015) caracteriza a desinformação como informação enganosa cuja produção ou disseminação não decorre simplesmente de erros acidentais. Nos ambientes digitais, sua circulação relaciona-se ainda às formas pelas quais os sujeitos buscam, interpretam, avaliam, validam e compartilham informações, aproximando o fenômeno das discussões sobre comportamento informacional.

Essa dinâmica torna-se particularmente relevante diante do viés de confirmação. Conforme Gasque (2025), os sujeitos tendem a buscar, interpretar e valorizar informações que reforçam crenças previamente estabelecidas, ao mesmo tempo que podem desconsiderar ou rejeitar conteúdos que as contradizem. Quando essa tendência se articula à personalização algorítmica e à recorrência de conteúdos semelhantes, criam-se condições para a redução da diversidade informacional e para o fortalecimento de interpretações previamente consolidadas. Nesse sentido, o viés de confirmação contribui para compreender a dimensão subjetiva do autoconfinamento informacional, sem desconsiderar as mediações algorítmicas que estruturam e condicionam as possibilidades de exposição à informação.

Desse modo, a desinformação não pode ser compreendida apenas como um problema relacionado à circulação de conteúdos enganosos. Sua propagação insere-se em uma dinâmica mais ampla, na qual mediações tecnológicas, crenças, processos de validação e práticas informacionais se relacionam. É justamente nessa articulação que confinamento e autoconfinamento informacional se tornam relevantes para a análise: enquanto as estruturas algorítmicas podem restringir e direcionar os horizontes informacionais dos sujeitos, suas próprias escolhas, crenças e práticas de interação com a informação podem contribuir para reforçar essas limitações.

A libertação informacional pressupõe coragem intelectual e disposição para problematizar as formas pelas quais a informação é produzida, organizada e legitimada nos ambientes digitais. Pensar a libertação, neste contexto, implica ultrapassar a ideia de que o simples aumento do acesso a conteúdos seja suficiente para produzir a autonomia. Conforme Belluzzo (2018, p. 30):

> Considera-se que o simples acesso à informação não é mais suficiente, uma vez que [...] a informação deve ser considerada como sendo a matéria-prima da sociedade atual, existindo uma inter-relação marcante entre a tecnologia e a informação (Belluzzo, 2018, p. 30).

Nesse sentido, a CoInfo assume papel emancipatório, ao possibilitar que o sujeito desenvolva capacidades de avaliação crítica das fontes, reconhecimento de vieses,

diversificação das práticas de consumo informacional e atuação ética no uso e compartilhamento da informação.

Em termos práticos, a libertação informacional se manifesta também em ações cotidianas relacionadas ao modo como os sujeitos se relacionam com a informação. Identificar e suspender o compartilhamento imediato de uma notícia duvidosa, buscar diferentes fontes sobre um mesmo acontecimento, questionar a origem de conteúdos apelativos e reconhecer os limites das próprias interpretações são movimentos que, embora simples, podem romper práticas marcadas pela reação imediata e pela passividade diante dos fluxos informacionais.

De acordo com a perspectiva freireana, a construção da consciência crítica demanda uma postura ativa diante do mundo e das informações. Como destaca Freire (1996, p. 25), "ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação". No campo da Ciência da Informação, isso significa que a formação crítica demanda disposição dos sujeitos para lidar com a complexidade dos fenômenos sociais e reconhecer os limites das próprias interpretações.

Em contextos digitais marcados pela aceleração dos fluxos informacionais e pela lógica contínua do engajamento, essa postura crítica também pode ser compreendida como forma de resistência aos processos de padronização das experiências e dos modos de interação. Nessa direção, Cunha (2025) afirma que:

> Resistir à pasteurização emocional das redes sociais é, portanto, um ato de preservação daquilo que há de mais profundo na existência: a nossa humanidade, que não podemos deixá-la ser capturada por filtros, métricas e homogeneizações (Cunha, 2025, p. 26).

Essa reflexão permite compreender que as dinâmicas informacionais contemporâneas não interferem apenas na circulação dos conteúdos, mas também nas formas de sentir, interpretar e construir relações nos ambientes digitais. A libertação informacional também implica a construção de práticas informacionais mais conscientes, reflexivas e autônomas. Ao fortalecer a CoInfo, o sujeito amplia a possibilidade de romper com o confinamento e o autoconfinamento informacional, favorecendo relações mais críticas com a informação e com a própria realidade social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se discutir o confinamento e o autoconfinamento informacional à luz da perspectiva freireana e das contribuições da CoInfo no campo da Ciência da Informação.

Diante da problemática proposta que buscava compreender de que maneira esses processos limitam a autonomia crítica dos sujeitos nas redes sociais digitais, a análise realizada permitiu identificar que tais limitações envolvem tanto a influência das mediações algorítmicas quanto a tendência dos próprios sujeitos de consumir, validar e compartilhar informações alinhadas às suas crenças e posicionamentos.

Os resultados também indicam que os conceitos de bolha informacional e câmara de eco contribuem para compreender parte dessas dinâmicas, mas não explicam integralmente os aspectos subjetivos, afetivos e interpretativos envolvidos na relação dos sujeitos com a informação. Nesse sentido, os conceitos de confinamento e autoconfinamento informacional buscam ampliar essa discussão ao integrar dimensões tecnológicas, sociais e subjetivas presentes nos ambientes digitais.

Assim, compreende-se que a CoInfo pode contribuir para fortalecer a autonomia crítica dos sujeitos em um contexto marcado pela circulação acelerada de conteúdos, pela polarização e pelo compartilhamento imediato de informações nas redes sociais digitais. Mais do que ensinar a acessar ou localizar conteúdos, trata-se de incentivar práticas de reflexão, dúvida e verificação diante de informações que, muitas vezes, chegam carregadas de identificação emocional e sensação de pertencimento.

Desse modo, os conceitos de confinamento e autoconfinamento informacional buscam ampliar as discussões sobre comportamento informacional e mediações digitais no campo da Ciência da Informação, especialmente ao evidenciar que as relações dos sujeitos com a informação também envolvem dimensões subjetivas, afetivas e interpretativas atravessadas pelas dinâmicas algorítmicas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for information literacy for higher education**. Chicago: ACRL, 2016. Disponível em: https://www.ala.org/acrl/standards/ilframework. Acesso em: 11 set. 2026.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago: American Library Association, 2000. Disponível em: https://alair.ala.org/handle/11213/7668. Acesso em: 12 set. 2026.

BARBOSA, Kayky Gomes. **Redes sociais como instrumento de manipulação algorítmica**. 2025. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Redes de Computadores) – Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Pires do Rio, Pires do Rio, 2025. Disponível em: https://repositorio.ueg.br/jspui/handle/riueg/7655 Acesso em: 12 set. 2026.

BELLUZZO, Regina Celia Baptista. Competência em informação: cenários e espectros. **Memória e Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 29-50, 2018. Disponível em: https://revistas.usp.br/pbcib/pt_BR/article/view/259406 Acesso em: 28 maio 2026.

CANETTI, Ran; VALD, Margarita. Universally composable security with local adversaries. *In*: VISCONTI, Ivan; DE PRISCO, Roberto (org.). **Security and Cryptography for Networks**. Berlim: Springer-Verlag, 2012. p. 281-301.

COX, Andrew M. Algorithmic literacy, AI literacy and responsible generative AI literacy. **Journal of Web Librarianship**, [*s. l.*], v. 18, n. 3, p. 93–110, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1080/19322909.2024.2395341. Acesso em: 11 set. 2026.

CREDI-DIO, Nicolly Barbosa; HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. Entre likes e lapsos: reflexões sobre a fragilidade da memória na era dos algoritmos. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 34., 2025, Curitiba. **Anais [...].** Curitiba: UFPR, 2025. p. 1-14. Disponível em: https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11284 Acesso em: 28 maio 2026.

CUNHA, Nilton Pereira da. As bolhas informacionais, a polarização afetiva e a destruição dos vínculos na era digital. **Revista Tópicos**, 10 de agosto de 2025. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/as-bolhas-informacionais-a-polarizacao-afetiva-e-a-destruicao-dos-vinculos-na-era-digital Acesso em: 28 maio 2026.

DI PIETRO, Roberto; MOLVA, Refik. An optimal probabilistic solution for information confinement, privacy, and security in RFID systems. **Journal of Network and Computer Applications**, Inglaterra (RU), v. 34, n. 3, p. 853-863, 2011. Disponível em: https://www.scilit.com/publications/c3fa947e5ff00b3eb048a206fc1cc0e8 Acesso em: 28 maio 2026.

DI PIETRO, Roberto; MOLVA, Refik. Information confinement, privacy, and security in RFID systems. *In*: BISKUP, Joachim; LOPEZ, Javier (org.). **Computer Security:** ESORICS 2007. Berlim: Springer-Verlag, 2007. p. 187-202.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, Baltimore, v. 63, n. 3, 2015. Disponível em: https://experts.arizona.edu/en/publications/what-is-disinformation/ Acesso em: 28 maio 2026.

FENG, Difu et al. Quantifying the potential to escape filter bubbles: a behavior-aware measure via contrastive simulation. *In*: CONFERENCE ON ARTIFICIAL INTELLIGENCE, 40., online, 2026. **Proceedings [...].** [*s. l.*]: AAAI, 2026. p. 14729-14737. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2512.03067 Acesso em: 28 maio 2026.

FERREIRA, Alexandre Valério; RIOS, José Riverson Araújo Cysne. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões extremas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...].** São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44732 Acesso em: 28 maio 2026.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. A interface entre o Comportamento Informacional Humano e o Viés de Confirmação. **SciELO Preprints**, 2025. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/14465 Acesso em: 12 set. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KUHLTHAU, Carol. **Seeking meaning***:* a process approach to library and information services. 2. ed. Westport: Libraries Unlimited, 2004.

MARANHÃO, Ana Carolina Kalume; GARROSSINI, Daniela Favaro. A mediologia de Régis Debray: limites e contribuições ao campo comunicacional. **Em Questão**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 2, p. 33-47, 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15053 Acesso em: 28 maio 2026.

PAPPAS, Vasilis et al. CloudFence: data flow tracking as a cloud service. *In*: STOLFO, Salvatore J.; STAVROU, Angelos; WRIGHT, Charles V. (org.). **Recent Advances in Intrusion Detection**. Berlim: Springer-Verlag, 2013. p. 411-431.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PELLIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi; BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Pará, v. 5, n. 2, p. 57-73, 2019. Disponível em: https://www.indexlaw.org/index.php/revistadgnt/pt_BR/article/view/5856 Acesso em: 28 maio 2026.

RIDLEY, Michael; PAWLICK-POTTS, Danica. Algorithmic literacy and the role for libraries. **Information Technology and Libraries**, [*s. l.*], v. 40, n. 2, p. 1–15, 2021. Disponível em: https://ital.corejournals.org/index.php/ital/article/view/12963 Acesso em: 11 set. 2026.

TAHA, Juliana Silva Pereira; GARCIA, Marcos Roberto. O impacto das bolhas digitais no comportamento humano. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 42, n. 117, p. 616-629, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/381916833_O_IMPACTO_DAS_BOLHAS_DIGITAIS_NO_COMPORTAMENTO_HUMANO Acesso em: 28 maio 2026.

TEWELL, Eamon. A decade of critical information literacy: a review of the literature. **Communications in Information Literacy**, [*s. l.*], v. 9, n. 1, p. 24–43, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.15760/comminfolit.2015.9.1.174. Acesso em 11 set. 2026.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação:** conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. Disponível em: https://editora.ufsc.br/estante-aberta. Acesso em: 28 maio 2026.